

MARIA LÚCIA EVANGELISTA BARBOSA

**A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM: AS
CONTRIBUIÇÕES DE ROUSSEAU NAS SÉRIES INICIAIS**

CURITIBA

2003

MARIA LÚCIA EVANGELISTA BARBOSA

**A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM: AS
CONTRIBUIÇÕES DE ROUSSEAU NAS SÉRIES INICIAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Especialista no Curso
de Especialização em Metodologia do Ensino
das séries iniciais da Universidade Federal do
Paraná

Orientador: Mauricio Mogilka.

CURITIBA

2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DAS SÉRIES INICIAS

TERMO DE APROVAÇÃO

**A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E SUA INFLUÊNCIA NA
APRENDIZAGEM: AS CONTRIBUIÇÕES DE ROUSSEAU NAS SÉRIES
INICIAIS**

POR

MARIA LÚCIA EVANGELISTA BARBOSA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Metodologia do Ensino das Séries Iniciais, realizado pelo Departamento de Teoria e Prática de Ensino – Universidade federal do Paraná.

BANCA EXAMINADORA

CONCEITO: _____

PROF. _____

PROF. _____

PROF. _____

CURITIBA

2003

Amanham-se as plantas pela cultura e os homens pela educação. Se o homem nascesse grande e forte, seu porte e sua força seriam inúteis até que ele tivesse aprendido a deles servir-se. Ser-lhe-iam prejudiciais, impedindo os outros de pensar em assisti-lo e, abandonado a si mesmo, ele morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança.

Jean-Jacques Rousseau

Ofereço este trabalho a todos os professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, e que colocam acima das diferenças o amor, abnegação e o empenho em dar às crianças as bases da formação do verdadeiro cidadão.

SUMÁRIO

	RESUMO.....	iv
CAPÍTULO I	INTRODUÇÃO.....	01
1.1	O TEMA.....	01
1.2	JUSTIFICATIVA.....	02
1.3	OBJETIVOS.....	04
1.4	COMO O ESTUDO FOI DESENVOLVIDO.....	04
CAPÍTULO II	SITUANDO O PROBLEMA.....	06
2	A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL.....	06
2.1	O CONHECIMENTO DO CONTEXTO ESCOLAR.....	08
2.2	A CONTRIBUIÇÃO DOS PCNS.....	10
CAPÍTULO III	AS IDÉIAS DE ROUSSEAU E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A QUESTÃO DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA.....	15
3	A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PARA ROUSSEAU.....	15
3.1	A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE.....	19
3.2	O EDUCADOR OS LIMITES E A CRIANÇA.....	22
CAPÍTULO IV	SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA AS QUESTÕES DA NÃO APRENDIZAGEM.....	26
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	31

RESUMO

O tema de estudo é “A relação pedagógica e sua influência na aprendizagem: as contribuições de Rousseau nas séries iniciais”, dentro da concepção de educação defendida pelo citado filósofo e da experiência profissional da pesquisadora. Enfoca as implicações que uma relação pedagógica sem um vínculo afetivo bem construído irá produzir nas crianças e em suas dificuldades de aprendizagem. Os objetivos do trabalho são: verificar os elementos que contribuem para abafar a espontaneidade dos alunos e analisar a relação entre a metodologia de cunho tradicional ainda fartamente utilizada no ensino fundamental e suas seqüelas quanto ao aprendizado do educando e a relação professora-aluno. A principal conclusão é que uma boa relação implica no crescimento do aluno enquanto ser que fala, ouve, pensa naquilo que fala e reflete sobre o que ouve, e a professora que também reflete sobre seu aluno. O ato de aprender é construído, e isso se faz no percurso que ambos percorrem, professora e aluno.

Palavras chaves: relação pedagógica, ensino-aprendizagem e professora-aluno.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O TEMA

Para tratarmos do tema deste estudo precisamos saber: Quais são os conhecimentos necessários para que a professora ajude seus alunos a aprender? E só saberemos isso conhecendo bem nossos alunos, tendo claro os objetivos que queremos alcançar e quais são os elementos necessários para que se alcance estes objetivos.

Por que mesmo propondo atividades variadas e bem elaboradas, nem sempre conseguimos apoiar a todos em suas necessidades? Porque vamos para a escola acreditando receber alunos prontos e acabados, e não nos damos conta que é nas séries iniciais que temos que formar em nossos alunos o gosto pelos estudos, o prazer pela leitura, aceitando-os em sua espontaneidade, interferindo em seus hábitos, principalmente em se tratando de escolas públicas, de lugares carentes. Estes alunos não tem em seu cotidiano, e em seu meio social uma rica fonte de acesso a cultura elaborada.

O que fazer com um número significativo de alunos que não estão aprendendo e, o que é pior, não estão com “disponibilidade” para aprender? Aqui entra a relação professora aluno, influenciando e muito o aprendizado dos alunos. A professora terá que desenvolver um relacionamento afetivo com seus alunos. Terá ainda que tratá-los em suas diferenças e individualidades, pois nossos alunos são seres únicos e como tais deverão ser tratados.

Será que há mais possibilidades de sucesso do envolvimento dos alunos na aprendizagem como uma decorrência natural, quando a professora tem condições de reconhecer os processos de aprendizagem pelos quais passam seus alunos? O Tema da minha monografia é mostrar que esta possibilidade aumenta, e muito quando a professora tem bem claro o processo de ensino e aprendizagem pelos quais passam seus alunos, seus conhecimentos e o tipo de relação que estabelecerá com eles os ajudarão a superar suas possíveis dificuldades.

Por que da necessidade de se repensar a relação professora aluno e as dificuldades de aprendizagem? Porque vemos crianças que ao entrarem na escola

na educação infantil ou seja no pré primário, são espontâneas e depois perdem a espontaneidade. Tentamos abafar toda a espontaneidade em nossos alunos, por medo de não poder domina-los o que dificulta também o processo de ensino aprendizagem.

Como identificar fatores emocionais e afetivos que interferem na aprendizagem? Só a professora bem esclarecida terá condições de detectar os fatores emocionais e afetivos, ou outros fatores que estão interferindo e dificultando o aprendizado de seu aluno.

Por que uma criança aparentemente sem nenhum problema de saúde que interfira em seu aprendizado, apresenta dificuldades de aprendizagem? Esta é uma pergunta que nos fazemos sempre no cotidiano de nossas aulas, e não encontramos respostas por mais certas e objetivas que elas possam parecer, tentamos, repetimos, mudamos nossa metodologia e nosso aluno continua sem aprender, este é o momento de criarmos um vínculo afetivo com eles, e assim intercedermos de forma individual com cada um, para que superem suas dificuldades.

Por que é importante a professora criar vínculos afetivos, principalmente com crianças com dificuldades de aprendizagem? Pois são justamente estas crianças, mais que as outras que pedem a nossa ajuda. E é justamente elas que por termos tentado tudo, dá vontade as vezes de deixar pra lá. Mas nós enquanto educadores não podemos jamais ter esta atitude, devendo ir as causas das dificuldades.

O objeto de estudo desta monografia diz respeito a importância do modo como é construída a relação pedagógica com as crianças e os seus efeitos na aprendizagem. Sabemos que não é fácil, responder a todas as questões colocadas. Mas acredito que todos somos seres únicos e todos capazes de aprender. Em algum momento, com alguma interferência de uma professora bem intencionada, acontecerá o aprendizado e este será muito significativo e gratificante para a profissional em questão.

1.2 JUSTIFICATIVA

A importância de se estudar o tema está nas diferenças que encontramos no cotidiano de nossas crianças, onde encontramos diferenças de uma turma para outra, como o de professoras com a “mesma formação”, que trabalham com os

mesmos conteúdos, alcançam êxito no aprendizado de seus alunos, salvo alguns com problemas sérios de aprendizagem que envolvam outros fatores que não sejam os afetivos.

Contudo outras professoras trabalhando com o mesmo currículo não alcançam este mesmo êxito, havendo um grande número de reprovações, ou seja um grande número de crianças que não aprendem, e apresentam “dificuldades de aprendizagem”.

Acompanhando as dificuldades de aprendizagem de alguns alunos das séries iniciais percebe-se que há conexão entre as dificuldades constatadas a partir do desempenho efetivo do aluno, e a relação professora-aluno. Ou seja a relação pedagógica e o método com que a professora vai tratar ou abordar um aluno, pode favorecer o êxito em seu aprendizado.

Esta relação que se desenvolve entre a professora e seus alunos constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Como pude constatar ao longo de minhas experiências com alunos com dificuldades de aprendizagem. Além disso, a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas e desenvolvidas não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos serão vivenciados.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que o bebê mobiliza o adulto, garantindo assim os cuidados que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem o que segundo ROUSSEAU (1995) poderá determinar o tipo das futuras relações da criança com os outros.

Aborda-se assim, a relação do bebê com o adulto para explicar que esta relação se inicia com o nascimento e continua, sendo importante conservar o vínculo afetivo nas séries iniciais, pois é através dele que acontece a troca de experiência entre o adulto, no caso a professora, e a criança. Esta relação sendo satisfatória vai proporcionar um bom aprendizado para a criança, não só nos aspectos cognitivos mas em suas relações sociais no geral.

Assim, abre-se um espaço para a relevância de estudo do tema em questão, abordando a influência dos aspectos afetivos no processo de aprendizagem das

crianças nas séries iniciais.

Procura-se a contribuição de um autor que privilegia uma boa relação pedagógica entre a professora e os alunos, por observar que os PCNS, tratam dos problemas da realidade, mas não vão às raízes deles.

Este autor escolhido foi o filósofo Suíço Jean-Jacques Rousseau, cujas idéias sobre a relação pedagógica ficarão mais claras ao longo desta monografia.

1.3 OBJETIVOS

Com o presente trabalho pretende-se demonstrar a relevância da interação professora-aluno na aprendizagem da criança.

Pretende-se também através do mesmo mostrar quais as implicações que uma relação pedagógica sem um vínculo afetivo bem construído irá produzir nas crianças e em suas dificuldades de aprendizagem. Através da experiência profissional da pesquisadora e de referenciais bibliográficos de Rousseau.

Fazer com que se de um crescimento do conhecimento no tema já citado.

Verificar ainda os elementos que contribuem para abafar a espontaneidade dos alunos.

Analisar a relação entre a metodologia de cunho tradicional ainda fartamente utilizada no ensino fundamental e suas seqüelas quanto ao aprendizado do educando e a relação professora-aluno.

A partir de alguns dos resultados obtidos na referida pesquisa, intenciona-se demonstrar como fatores afetivos se apresentam na relação professora-aluno e a sua influência no processo de aprendizagem.

O estudo pretende ainda mostrar as professoras e supervisoras, ou seja as educadoras em geral, a importância de um vínculo afetivo na relação professora-aluno e seus bons resultados no processo de ensino aprendizagem.

1.4 COMO O ESTUDO FOI DESENVOLVIDO

As reflexões tomaram como base os estudos dos PCNS, ou seja os Parâmetros Curriculares Nacionais, pretende-se ainda buscar a contribuição de Rousseau em "Emílio ou da Educação" e a experiência profissional da autora. O

tema se situará dentro da concepção de educação defendida por Rousseau.

A monografia se divide em quatro capítulos. O primeiro é constituído pela apresentação do tema de estudo, como ele é construído, o seu impacto na aprendizagem. Problematizando as dificuldades de aprendizagem, porque elas acontecem, justificando a importância de se estudar o tema em questão, falando ainda das diferenças de tratamento dos professores em relação aos conteúdos ensinados. Pretendendo chamar a atenção para a relevância do tema em questão.

O segundo capítulo tem como objetivo situar o problema dentro do conhecimento do contexto escolar, a minha experiência profissional, como esta experiência tem me levado a defender uma boa relação professora-aluno e suas implicações para uma aprendizagem significativa. Este capítulo também procura trazer a contribuição dos PCNS para o tema em questão e como a escola usa os PCNS em seus planejamentos didáticos e metodológicos.

No terceiro capítulo trata sobre o que a teoria fala sobre o tema, abordando as idéias de Rousseau e suas contribuições para a questão da relação pedagógica. Isto é, como Rousseau via a relação da criança com os adultos educadores e como esta concepção está tão presente e tão atual em nossos dias. Falando também da relação entre aprendizagem e a afetividade, abordarei a questão do educador, os limites e a criança.

Finalmente no quarto capítulo aborda as possíveis soluções e alternativas para a questão dando sugestões para se trabalhar as questões das dificuldades de aprendizagem.

CAPÍTULO II – SITUANDO O PROBLEMA

2.1 A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Eu como professora não tenho tantos anos de experiência profissional, mas enquanto educadora me considero já com mais anos, pois sendo mãe e tendo atuado na educação e formação de meus filhos, agora já adolescentes, sempre tive uma posição bem firme a respeito do aprendizado deles.

Minha formação escolar em nível universitário se deu pela Universidade Federal do Paraná. Sou formada em Pedagogia, tendo como já disse participado ativamente da educação de meus filhos, onde sempre privilegiei uma educação crítica e autônoma desde muito cedo, acreditando que eles enquanto crianças, tem uma grande capacidade de se tornarem seres independentes, principalmente em relação aos estudos se facilitarmos um ambiente com exemplos claro para eles.

Mesmo antes de entrar no curso superior já ministrava aulas de reforço de inglês, para alunos com alguma dificuldade na escola. Durante o tempo que trabalhei com estes alunos tive a oportunidade de verificar que, bastava sentar do lado deles, explicar lhes os conteúdos com exemplos claros e de seu cotidiano, e estas dificuldades tornavam se em aprendizagem, ajudando-os assim a superar seus problemas de aprendizagem na escola.

Minha entrada no curso de pedagogia aconteceu em 1996, mas, mesmo antes de minha formação como pedagoga já atuava como professora particular, ministrando aulas para alunos com alguma dificuldade de aprendizagem, desde 1992, como já citei acima. Tive a oportunidade também de trabalhar no ensino de idiomas com crianças, jovens e adultos, tendo trabalhado em cursos de capacitação idiomática para trabalhadores de indústrias metalúrgicas.

Durante o tempo que venho trabalhando com estes operários das indústrias metalúrgicas, tenho observado quão grande são suas dificuldades para criarem hábitos de estudos, não tendo em sua grande maioria, desenvolvido também o hábito pela leitura. Pode se concluir que este hábito de estudo não foi desenvolvido desde as séries iniciais. Mas é interessante também ver, como superam suas dificuldades quando acreditamos em sua capacidade, quando damos oportunidades a eles de exporem suas idéias e acreditamos nelas. Achei interessante expor estas dificuldades do indivíduo já adulto, reforçando assim a importância de uma boa base

desde as primeiras séries do Ensino Fundamental.

Trabalho com o Ensino Fundamental desde 1999 com turmas de 2º e 3º série das séries iniciais, recebendo alunos que nas séries anteriores tinham dificuldades de aprendizagem, ajudando-os a superarem suas dificuldades, atuando individualmente com cada um. Nesta experiência tenho observado que eles superam suas dificuldades tão logo recebem atenção especial, individual e podem estabelecer um laço afetivo comigo enquanto sua professora.

Quando digo que conseguem superar suas dificuldades de aprendizagem, digo uma grande maioria, pois alguns possuem problemas sérios que fogem a minha formação, sendo preciso nestes casos, o auxílio de profissionais de outras áreas, para os ajudarem a avançar ou mesmo superar suas dificuldades. Estas crianças não serão analisadas nesta monografia.

Posso dizer que minha experiência não é tão vasta assim, mas posso dizer com tranquilidade que grande é o meu interesse para os casos das dificuldades de aprendizagem. Acredito que quando saudáveis, todos somos capazes de aprender. É preciso estarmos atentos para atuarmos como profissionais livres de qualquer preconceito, e dispostos para intercedermos em todos os casos em que acontecem as dificuldades de aprendizagem. É preciso vontade, envolvimento e muita paixão pelo ato de ensinar e aprender, pois junto com o ensinar aprendemos, e muito com nossas crianças, elas nos ensinam com a prática em que exercemos nossa profissão, elas nos ensinam quando superam uma possível dificuldade, e aprendem aquilo que parecia difícil. Enfim elas nos ensinam a cada dia e isso torna gratificante todo o nosso trabalho.

Na relação que o aluno estabelece conosco e com as outras crianças ele vai ampliando seu desenvolvimento emocional, ampliando assim o nosso desenvolvimento também, pois nunca deixamos de crescer quando interagimos com nosso aluno. Tendo claro que para isso é preciso sempre a nossa intervenção tendo procedimentos como: autoridade, aceitação, compreensão, igualdade como seres humanos, com nossos alunos e muita comunicação. O resto fica por conta da ordem natural de desenvolvimento, e o impulso natural das crianças como nos diz Rousseau:

A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança.

Assinar a cada um seu lugar e nele fixá-lo, ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar. O resto depende de causas estranhas a nós e que não estão em nosso poder (ROUSSEAU, 1995, p. 62).

2.2 O CONHECIMENTO DO CONTEXTO ESCOLAR

A abordagem das dificuldades de aprendizagem no contexto escolar, graças as novas diretrizes para a educação, ganharam um contexto diferente do que tinha antes. Antes a responsabilidade das dificuldades de aprendizagem caíam todas sobre o aluno. Hoje dividimos esta responsabilidade entre todos da escola, ou entre todos do contexto social em que está inserido o aluno.

A escola assumindo esta responsabilidade, estará ajudando o aluno de forma com que este supere suas dificuldades, possibilitando a permanência deste aluno na escola. Não responsabilizamos mais o aluno pelas suas possíveis dificuldades. Na escola que tenho tido a oportunidade de acompanhar estes alunos com dificuldades de aprendizagem, tão logo elas sejam detectadas, são encaminhadas pela professora à pedagoga da escola, e esta toma as medidas que se fizerem necessárias.

As dificuldades de aprendizagem nas escolas municipais de Pinhais, em uma das quais eu trabalho, são tratadas de forma a uma possível superação destas dificuldades, pois os encaminhamentos acontecem durante o ano todo. Tão logo a criança apresenta alguma dificuldade ela é encaminhada para uma avaliação pelo órgão competente da Prefeitura, que detectada quais as necessidades de atendimento os encaminham à uma sala com uma professora preparada para trabalhar de uma forma diferenciada, com materiais didáticos “diferentes”.

Estas crianças com dificuldades de aprendizagem freqüentam esta sala de recursos como é chamada, dependendo das dificuldades e dos objetivos a serem alcançados, de duas a cinco vezes na semana por um período de duas horas por dia, ou ainda dependendo da escola, na própria escola em um contra turno, ou seja em um período contrário ao seu.

Mas há que se considerar que a escola deve tratar as dificuldades de aprendizagem como um processo diferente de adaptação do aluno. Ou seja, há

crianças que devem receber tratamento diferenciado para que possam ter suas potencialidades desenvolvidas. E como já disse, nem todas as crianças aprendem da mesma forma, no mesmo tempo e no mesmo ritmo.

Se as dificuldades de aprendizagem fossem resolvidas na própria sala de aula, através de uma pedagogia da diversidade e de uma nova forma para a relação pedagógica, não precisaríamos das salas de recursos ou das aulas de reforço.

Da forma como a escola vai encarar e tratar as dificuldades de aprendizagem e a relação professora-aluno, vai depender o êxito do aluno em uma superação de suas dificuldades, em menor ou maior tempo. Pois a professora que tem claro, os processos de desenvolvimento de seus alunos, considerando-os em suas diferenças e especificidade, vai dispensar ao aluno um tratamento diferenciado para que este possa superar suas dificuldades.

Na prática de meu dia a dia posso observar que, tão logo muda-se o ambiente, ou a professora, há uma mudança perceptível na turma no geral. Esta mudança pode ser para melhor ou pior, dependendo do tipo de relacionamento que havia entre a professora e a turma. O que estou querendo dizer é que a relação da professora com seus alunos, pode favorecer ou dificultar a aprendizagem deles.

Recebemos uma sala cheia de alunos e dispensamos um tratamento igual para todos, mesmo porque queremos que todos tenham condições de igualdade, e começamos por aí. Mas com o decorrer de nossas aulas, alguns acompanham e outros não, acontecendo de alguns não se desenvolverem e alcançarem os objetivos que a grande turma conseguiu alcançar.

Este é o momento de repensar nossa prática, de refletir sobre nosso método, nossa didática e tentarmos nos aproximar destes alunos com dificuldades, para que estes nos sintam mais próximos. E quando dispensamos uma maior atenção, tratamento diferenciado e individual, ajudamos com certeza nosso aluno a superar suas dificuldades.

Aqueles que não conseguirem progredir mesmo mudando o método e a relação professora-aluno, com certeza precisam de ajuda de profissionais específicos para os atenderem. Neste caso sim, devemos encaminhá-los para um atendimento específico que atenda as suas necessidades.

Quando a professora se depara com a dificuldade de algum aluno, ao invés de mudar sua prática, refletir sobre a relação professora-aluno, logo o encaminha à pedagoga da escola e esta o encaminha à aulas de reforço, ou como no caso de

Pinhais à psicopedagoga que atende o Município.

Entretanto devemos estar atentas que crianças são seres sensíveis, como posso observar, nem sempre uma sala de recursos como é chamada no município de Pinhais ou reforço, ou ainda contra turno, seja lá como são denominadas, dão conta destas dificuldades. Algumas vezes isso só ajuda os alunos a sentirem-se inferiorizados em relação ao resto da turma por freqüentarem um reforço.

Na maioria dos casos, bastava ter mudado a relação professora-aluno e a metodologia, e estas dificuldades seriam superadas. Não quero com isso afirmar que em todos os casos são assim, quero dizer que muitos casos poderiam ser resolvidos na própria sala de aula, no mesmo horário, com a mesma professora. Bastando para isso uma mudança de atitude da professora em relação a forma de encarar as dificuldades de seus alunos, e um processo constante de capacitação metodológica.

Enfim é preciso muito envolvimento da escola, pais e professores, para que possamos ajudar nossos alunos a superarem suas dificuldades. Principalmente das escolas que são instituições responsáveis pela educação escolar, despertar em seus professores, educadores no geral, a sensibilidade de desenvolver o hábito de construir uma relação pedagógica consciente, responsável e muito afetiva, que é o que precisam nossos alunos e principalmente os com dificuldades de aprendizagem.

2.3 A CONTRIBUIÇÃO DOS PCNS

No volume 1 “Introdução” dos PCNS, numa carta aos educadores, pelo ministro da Educação e do Desporto Paulo Renato Souza, vemos que segundo o ministro, os parâmetros serão instrumentos úteis às discussões pedagógicas, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do livro didático, (MEC, 1997a).

Para entrarmos na questão dos PCNS é interessante ver como as escolas deveriam receber este documento e como receberam. Será que usamos os Parâmetros Curriculares Nacionais nos momentos de discussão pedagógica? E na hora de elaborarmos nossos projetos educativos, no planejamento de nossas aulas, na reflexão sobre a prática educativa e ainda na hora de analisarmos o material didático que chega às nossas escolas?

Independente da resposta, digo que eles deveriam ser usados, pois nos

trazem propostas boas, que nos ajudam à repensar nossa prática educativa. Dentre os propósitos dos PCNS, estão alguns muito interessantes para a discussão desta monografia, tais como: orientar o professor no seu planejamento, discutir as razões que levam os alunos a terem mais ou menos participação nas atividades escolares e possibilitar novos materiais de forma que tornem a aprendizagem mais significativa.

Ou seja teoricamente os PCNS são ricos em propostas. Digo teoricamente pois, nem todos as professoras estão usando os Parâmetros Curriculares Nacionais, para as ampararem em sua prática educativa. Em minha prática educativa e durante o tempo que permaneço na escola, não vejo as professoras terem feito uma leitura sequer dos PCNS, salvo algumas que tem como hábito a formação continuada e o hábito da leitura para um aperfeiçoamento de sua prática educativa, outras não tem nem conhecimento do que são os Parâmetros Curriculares Nacionais, a não ser quando eles são citados em algum curso que são “obrigadas” a frequentar.

Quanto a formação dos professores os PCNS dizem que deve se investir além da formação inicial no aperfeiçoamento contínuo, dando lhes instrumentos para que reflitam criticamente sobre a sua prática educativa, (MEC, 1997a, p. 30, 31). Isto me leva a pensar e estabelecer uma relação com o tema desta monografia, ou seja a relação professora-aluno e as dificuldades de aprendizagem, pois só a professora capaz de refletir sobre a sua prática educativa e com uma boa formação, pode assim construir uma relação pedagógica facilitadora para o processo de ensino e aprendizagem.

Só assim poderemos então formar como nos sugere os PCNS, cidadãos autônomos, críticos e participativos capazes de atuarem plenamente na sociedade a que pertencem. Cabendo ainda a escola, desenvolver com nossos alunos, ações significativas que os possibilitem se assumir como indivíduos, aptos a viver e se desenvolver plenamente em todos os setores da vida em sociedade.

Tendo finalmente a educação básica a função de proporcionar aos alunos um aprendizado que os capacitem para uma educação permanente. Isto é tornar o aluno crítico e autônomo capaz de se desenvolver permanentemente.

Outra questão que gostaria de abordar é quanto ao tratamento que os PCNS dão as questões que abordam. Os PCNS não tratam a fundo os conteúdos, deixam nos um campo muito aberto, pois é uma ruptura curricular, onde temos novas propostas que se propõem, romper com o tradicional. Pôr outro lado temos professores que não sabem trabalhar diferente, faltando assim capacitação

profissional oferecida aos professores, por parte dos órgãos competentes para tratar desta questão, ou seja, governos municipais e estaduais.

As professoras encontram-se perdidas, digo isso pôr viver em minha prática pedagógica. Onde ouço colegas professoras, sem uma formação continuada, sem terem estudado a fundo as novas propostas curriculares, dizerem que se sentem perdidas, que não sabem mais o que e como ensinar. Teríamos que estudar a fundo as novas propostas curriculares, para podermos então, romper com o tradicional e procurarmos novos enfrentamentos para as questões pedagógicas que estão postas em nossas escolas.

Esta monografia pretende contribuir para esta capacitação teórica dos profissionais da escola, de maneira a que os PCNS possam vir a ser usados com mais segurança e propriedade. A maneira como os PCNS tratam o tema autonomia, é o que nos sugeriu Rousseau e o que sugiro em minha monografia. "A autonomia pressupõe uma relação com os outros. Não existe uma autonomia pura, como se fosse uma capacidade absoluta de um sujeito isolado" (MEC, 1997b, p.46).

E esta autonomia para ser exercida em sua totalidade, implica em uma relação respeitosa entre professora-aluno, do aluno com os outros e deste com a escola. Implica sim uma relação de respeito pela autoridade democrática, mas não em um poder autoritário por parte dos educadores. Mas sim, respeito entre todos os membros, não só da escola, mas de toda a vida social do aluno.

O professor como nos sugere os PCNS na apresentação dos Temas transversais e ética, deve despertar em seus alunos a capacidade de questionamento e propor mudanças, que sejam estas mudanças responsáveis, refletindo sobre os valores das relações sociais que regem uma sociedade.

A relação professora-aluno, segundo os PCNS, e segundo o que venho afirmando nesta monografia, deve se dar com autoridade consciente por parte do professora, como uma orientação responsável no ato de educar e mediar as situações vividas pelo aluno. Mas há que se atentar para o fato, que se busca desenvolver o indivíduo para viver numa sociedade democrática.

Para que a professora exerça o seu papel é preciso que ambos professora e aluno, se situem como cidadãos participantes e reconhecedores de seus direitos e deveres, numa sociedade que se busca cidadãos participativos, críticos, reflexivos e conscientes de seu papel nesta sociedade (MEC, 1997b). Só assim a professora poderá desenvolver com seus alunos uma relação facilitadora para a formação de

cidadãos dentro deste princípio que almejamos.

A escola não deve ser o lugar de reprodução de relações, e sim de construção, de recriação, de reconhecimento que possibilite rever relações em todo o contexto social que estamos inseridos. A relação professora-aluno é de fundamental importância. A professora deve ser clara e objetiva, e exigir de seus alunos a arte do diálogo, claro e objetivo também, e este diálogo deve ser desenvolvido e cultivado entre professora-aluno, e aluno-aluno. Diálogo e respeito devem andar juntos (MEC, 1997b).

De acordo com os PCNS, o processo de aprendizagem é uma propriedade do sujeito, tendo como determinantes a interação com o meio social e a escola. A interação com a escola deve ser de muito diálogo entre professores e alunos, para que se alcance o processo de ensino e aprendizagem e este seja significativo:

A aprendizagem significativa implica sempre alguma ousadia: diante do problema posto, o aluno precisa elaborar hipóteses e experimentá-las. Fatores e processos afetivos, motivacionais e relacionais são importantes nesse momento. Os conhecimentos gerados na história pessoal e educativa têm um papel determinante na expectativa que o aluno tem da escola, do professor e de si mesmo, nas suas motivações e interesses, em seu autoconceito e em sua auto-estima. Assim como os significados construídos pelo aluno estão destinados a ser substituídos por outros no transcurso das atividades, as representações que o aluno tem de si mesmo e de seu processo de aprendizagem também. É fundamental, portanto, que a intervenção educativa escolar propicie um desenvolvimento em direção à disponibilidade exigida pela aprendizagem significativa (MEC, 1997b, p.53).

Cabe aos educadores estabelecer uma relação de significados com seus alunos, pois isso é essencial para que os mesmos desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem. E para isso, é preciso considerar as individualidades de cada um, dando atenção especial e diferenciada às diversidades existentes entre eles, para que tenham desenvolvidas todas as suas capacidades.

Os alunos precisam perceber que a professora valoriza as relações que alunos e educadores estabelecem entre si. Pois percebendo assim e estando inseridos neste processo educativo, que valoriza estas relações, eles passam a participar e assumir responsabilidades.

A criação de um clima harmonioso na sala de aula, também facilita o processo de ensino aprendizagem. Esta relação implica em aceitar a opinião dos alunos, quando o aluno está dialogando com a professora, assegura a participação de todos

Quanto aos aspectos emocionais e afetivos, os PCNS tratam estes tão relevantes quanto os aspectos cognitivos, principalmente para os alunos com dificuldades de aprendizagem. Os aspectos emocionais e afetivos devem ser significativos tanto da professora para o aluno, quanto do aluno para com os outros: "Aprender é uma tarefa árdua, na qual se convive o tempo inteiro com o que ainda não é conhecido. Para o curso da empreitada, é fundamental que exista uma relação de confiança e respeito mútuo entre professor e aluno, de maneira que a situação escolar possa dar conta de todas as questões de ordem afetiva (...)" (MEC, 1997b, p.101).

Ou seja quando não existe na sala de aula um clima favorável entre professora e alunos, os encaminhamentos da professora não terão seus objetivos alcançados. Surgindo assim situações não facilitadoras para o processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO III – AS IDÉIAS DE ROUSSEAU E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A QUESTÃO DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

3.1 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PARA ROUSSEAU

Rousseau contribuiu muito com suas obras para a história da filosofia e da educação. Embora não tenha sido um educador, e sim um filósofo, é considerado por alguns educadores como o “pai do espontaneísmo” e da “Escola Nova”.

O nascimento de Rousseau foi em Genebra em 28 de junho de 1712, falecendo em 2 de julho de 1778 em Ermenonville, foi enterrado na ilha dos Choupos. Sua mãe morreu em consequência do parto. Aprendeu as primeiras letras com o pai, leu todos os livros da biblioteca de sua mãe. Foi cantor na catedral de Annecy, professor de música em Lausanne e Neuchâtel. Em 1740 tornou se preceptor, escrevendo nesta época um Projeto para a educação de M. de Sainte-Marie, mas não se saiu bem como pedagogo.

Quando nasceu seu primeiro filho em 1746, entregou-o ao orfanato Enfants-Trouvés. Depois nasceram seus outros quatro filhos, que são entregues ao mesmo orfanato. Embora tenha tentado encontrar seus filhos depois, jamais os encontrou. Em 1759 elabora a primeira versão do Emílio, este é condenado à fogueira. Rousseau tem sua prisão decretada. Mas Rousseau não vai preso, refugia-se em Motiers, no principado de Neuchâtel.

Em Emílio, Rousseau faz um romance traçando linhas gerais sobre o pensamento pedagógico. A educação para Rousseau deve ter como objetivo o desenvolvimento das potencialidades da criança, procurando afastá-la dos males sociais. Esta educação deve se adaptar às necessidades individuais de desenvolvimento da criança.

Rousseau escreve o livro Confissões em 1764, onde explica toda sua vida e seu pensamento. Trazendo dele neste livro uma imagem de homem romancista, filósofo e educador. Dentre os continuadores do pensamento de Rousseau e que chegaram a realizar suas idéias no campo da escola, temos Pestalozzi (1746-1827), e Froebel (1782-1852).

Para Rousseau a concepção de ser humano influencia a relação pedagógica e a forma como a escola irá tratar a criança. A educação da criança começa na relação

com a mãe: “Ao nascer, uma criança grita; sua primeira infância passa a chorar. Sacodem-na às vezes ou a acariciam para acalmá-la; ameaçam-na também e batem-na para que se cale. Ou fazemos o que lhe agrada, ou dela exigimos o que nos agrada. Ou nos submetemos a suas fantasias ou a submetemos às nossas: não há meio termo, é preciso que nos dê ordens ou que as receba” (ROUSSEAU, 1995, p.24).

Ou seja, Rousseau em seu tempo, já criticava a educação tradicional, infelizmente muito semelhante ao que acontece em nossas escolas. Esta educação até hoje teima em persistir com a didática de alguns professores, ou mesmo em algumas escolas. Uma educação “tradicional”, ou é tudo ou nada, não existia ou não existe para esta educação tradicional, meio termo. Uma educação que persiste em nos fazer servir, antes mesmo de sermos homens feitos e seres humanos completos.

Neste tipo de educação só existe os que mandam e os que sem poder agir ou refletir sobre sua ação, pois não adquiriram conhecimento para tal reflexão, simplesmente obedecem. Castiga-se antes mesmo de fazer o castigado conhecer seus erros e saber o porque de seus castigos. Inculcam neste tipo de educação, nos jovens corações uma natureza que não é a sua mas sim, de adultos que também “sofreram” este processo. Depois de terem abafado tudo o que se tem de natural, cismam em ensinar-lhes coisas que são alheias a seu meio, ao seu convívio social, ensina-se tudo, menos a se conhecer, para se tornar feliz (Rousseau, 1995).

Esta é a educação que nos mostra Rousseau, em um tempo que não se pensava em caráter cognitivo da criança ou em seus aspectos psicológicos, Rousseau em sua grande sabedoria enxergava, o que os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam com muito sucesso a meu ver, pois continua persistindo em nossas escolas a educação tradicional, que ensina sem explicar e porque se está ensinando determinados conteúdos à nossos alunos.

Ou ainda o porque de cobrarmos tanto sem dar lhes um significado do que se está aprendendo ou o porque de estarem sendo cobrados. Continuamos com o discurso que estamos educando, mas educar implica em formar o caráter e a personalidade em todos os sentidos, para que as crianças possam exercer seu papel numa sociedade e que este papel seja exercido de uma forma plena e feliz.

Para que esta educação do auto conhecimento e da felicidade proposta por Rousseau fosse aplicada agora com sucesso teria que se “reformular” todos os

educadores, sejam eles familiares ou das instituições escolares. Pois, mudam se as propostas curriculares, mas não se mudam as mentalidades dos educadores. Quando eu me reporto aos PCNS, quero deixar claro que eles abordam esta forma de educar, mas que não vão a fundo em suas sugestões. Deixando-nos uma gama muito ampla de metodologias, que no final perdem se na teoria. Enquanto educadores devemos refletir sobre isso.

O ser humano enquanto criança tem aptidões e capacidades inatas que cabe a escola conservar e desenvolver. Não só a escola, mas como dizia Rousseau, os pais, pois a educação começa ao nascer. Dentre os educadores os pais são os mais importantes na vida da criança. A família é de vital importância para elas. E a qualidade desta relação juntamente com os professores é quem vai dizer que ser humano será formado. Mas deixamos o principal papel para a escola, porque não podemos nos esquecer que moramos em um país onde, o nível de analfabetismo é grande, e a falta de informação ou formação impera em nossas famílias, principalmente quando tratamos de alunos das camadas populares.

A concepção de educação para Rousseau era que, ela devia se dar de uma forma menos formal com mais exemplos e menos abstração, que é o que temos feito na educação tradicional:

Estou longe de pensar que as crianças não tenham nenhuma espécie de raciocínio. Ao contrário, vejo que raciocinam muito bem em tudo o que conhecem e que se relaciona com seu interesse presente e sensível. Mas é acerca de seus conhecimentos que nos enganamos, atribuindo-lhes os que não têm e levando-as a raciocinarem sobre o que não podem compreender. Enganamo-nos ainda querendo que se mostrem atentas a considerações que não as impressionam de modo nenhum, como as de seu interesse futuro, de sua felicidade quando adultos, da estima que terão por elas quando crescerem; coisas que, ditas a seres sem nenhuma previdência, nada significam para eles. Ora, todos esses estudos forçados desses pobres infelizes tendem para objetos inteiramente estranhos a seus espíritos. Que se imagine a atenção que lhes podem prestar (ROUSSEAU, 1995, p. 98, 99).

Precisamos romper com uma educação que persiste em nos ensinar palavras, conceitos de coisas que estão distante de nós, ao passo que o que precisamos verdadeiramente aprender e com exemplos, é o gosto por aprender e é o que a escola relega a segundo plano. Precisamos de um aprendizado constante, aprendemos ao longo de toda nossa formação, aprendemos com a vida.

ROUSSEAU explica isso muito bem:

Em virtude de um erro ainda mais ridículo, fazem com que estudem história: imaginam que a história está a seu alcance porque é, apenas, uma coletânea de fatos. Mas que se entende por essa palavra fatos? Imagina-se que a relação que determina os fatos históricos seja tão fácil de aprender, que as idéias deles se formem sem dificuldade no espírito das crianças? Acredita-se que o verdadeiro conhecimento dos acontecimentos seja separável do de sua causa, de seus efeitos, e que o histórico se prenda tão pouco ao moral que se possa conhecer um sem o outro? Se não vedes nas ações dos homens senão movimentos exteriores e puramente físicos, que é que aprendeis na história? Absolutamente nada; e tal estudo desprovido de interesse não vos dá mais prazer que instrução. Se quereis apreciar tais ações segundo suas relações morais, tentai fazer com que vossos alunos entendam essas relações e vereis então se a história é da idade deles (ROUSSEAU, 1995, p. 101).

E eu digo ainda, se a escola perdesse menos tempo em ensinar conteúdos formais, desligados da vida real e se prendesse mais em formar o ser humano em todos os seus aspectos, com exemplos claros e do cotidiano de nossos alunos, dando ênfase para as relações humanas que estão postas em nossa sociedade, enfatizando sempre a relação democrática entre professora-aluno, teríamos mais sucesso no processo de ensino aprendizagem. Estaríamos formando o ser capaz de aprender permanentemente ao longo de sua vida, pois teríamos despertado nele o gosto por aprender.

Cuida-se muito de descobrir os melhores métodos de ensinar a ler; inventam escrivatinhas e mapas; fazem do quarto da criança uma tipografia. Locke quer que ela aprenda a ler os dados. Não vos parece uma bela invenção? Que lástima! Um meio mais seguro, e que sempre se esquece, é o desejo de aprender. Dai à criança esse desejo e deixai de lado vossas escrivatinhas e vossos dados. Qualquer método será bom (ROUSSEAU, 1995, p. 110).

Cabe a nós professoras desenvolver em nossos alunos o interesse pelo que se ensina, se despertarmos neles este interesse; todo o nosso trabalho de ensinar alcançará o objetivo esperado. Podemos aqui, ainda falarmos um pouco sobre a autoridade e a autonomia que devemos desenvolver em nossos alunos, pois só a professor sábia, sabe que não pode submeter o seu aluno a uma autoridade severa, pois se assim o fizer ele não ousará buscar outros meios e métodos para aprender e tornar se autônomo. E uma boa educação começa na autonomia que

desenvolvemos desde crianças. Isso será mais desenvolvido logo nas próximas páginas, na seção 3.3.

3.2 A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

A criança se relaciona com o adulto através da afetividade, e só através dela é que se vai conferir uma personalidade ao futuro caráter da criança. Há a necessidade de se criar um vínculo afetivo entre a criança e o adulto.

Entre estes adultos os que estão mais próximos e os primeiros, são seus pais. O vínculo afetivo entre pais e filhos há que ser rico em cuidados, este relacionamento deve se dar com muito diálogo, deixando claro para a criança por parte dos adulto, o quanto ela é importante.

Só a criança que conhece e estabelece um vínculo afetivo com os outros, ou seja com quem os cuida, é que se sentirá mais plena, mais segura e mais apta aos aprendizados pelos quais passará ao longo de sua vida.

As crianças que não recebem afetividade desde os primeiros anos de sua infância, sentirão os efeitos, também na vida adulta. Quando digo seus pais, digo-o por que é o que normalmente acontece, mas sabemos que há casos que fogem a estas regras. Existindo crianças que não tem os pais, ou são criadas em orfanatos. Mas, nem por isso deixam de aprender, pois recebem os cuidados e atenção de que necessitam para se desenvolver.

Para Rousseau todos nascemos bons, e os cuidados que nos vão dispensar é que vão conservar ou deturpar o nosso caráter:

Quereis que conserve sua forma original? Conservai a partir do instante em que vem ao mundo. Logo ao nascer apropriai-vos dele, não o largueis antes que seja homem. nada conseguireis sem isso. Assim como a verdadeira ama é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai. Que se acordem na ordem de suas funções bem como em seu sistema; que das mãos de uma passe às mãos de outro. Será mais bem educado por um pai judicioso e limitado, do que pelo mais hábil preceptor do mundo, porquanto o zelo substituirá mais o talento do que o talento o zelo (ROUSSEAU, 1995, p. 24).

Dentre os educadores que conhecemos em nossas vidas, os mais importantes são os pais, ou quem está no lugar deles, a estes cabem os primeiros e principais cuidados na vida da criança. A criança tem aptidões e capacidades inatas, que os

pais começam e depois cabe a escola conservar e desenvolver esta capacidade com muita afetividade.

Na escola a figura mais importante para o aluno é sua professora,. Cabendo a esta também estabelecer um vínculo afetivo com seus alunos. Segundo ROUSSEAU (1995) os filhos que crescem longe dos cuidados dos pais, e eu acrescentaria longe dos cuidados de um adulto que vai substituir os cuidados dos pais, não desenvolverão o hábito de se apegar as pessoas ou as coisas, e terão que recorrer a outros costumes que desenvolverão ao longo de suas vidas para suprir esta carência afetiva. "Quer então ter um amigo? Que eduque seu filho para sê-lo; ei-lo dispensado de procurá-lo alhures e já a natureza fez a metade de sua tarefa" (ROUSSEAU, 1995, p.26).

Sabemos que nossos alunos em sua grande maioria, principalmente aqueles de escolas públicas, são carentes de afeto. Alguns porque não tem pai ou mãe, ou os dois e quem os tomam de cuidados não estão aptos a desenvolver com eles um relacionamento afetivo rico. Outros mesmo tendo os dois, pai e mãe, eles não possuem o esclarecimento necessário para cobri-los de cuidados e afetividade.

Ficando assim a escola encarregada de tentar educar estes alunos da melhor forma possível, e para que estes tenham um bom rendimento, a escola terá que trabalhar de forma que o aluno aprenda a lidar com suas carências afetivas. O papel aqui quase sempre é o do orientador educacional, pois quando o aluno apresenta um baixo rendimento, ou algum problema na forma de se relacionar com os demais colegas, a professora sem preparo, encaminha este aluno à orientadora da escola, quando este aluno volta à sala de aula os problemas continuam.

Cabe a professora aprender a lidar com seus alunos, estabelecendo com eles uma relação rica em afetividade, caso contrário dificultará o seu aprendizado. As crianças não tem a memória e a imaginação desenvolvidas como as do adulto, só prestam atenção àquilo que atribuem algum valor afetivo. Ou seja só se relacionam pela afetividade. Se esta afetividade for positiva seu desempenho será maior. (ROUSSEAU, 1995)

Segundo Rousseau o pensamento da criança começa a se desenvolver com o primeiro modelo com quem está mais próxima dela, ou seja quem cuida dela, para depois ter como modelo o professor, por isso enfatizo tanto a necessidade de se criar desde cedo, laços afetivos com a criança. ROUSSEAU afirma que a criança aprende a pensar e não a desenvolver conceitos como nos prega a escola, cabe a

este pensamento que se desenvolve na criança desde os primeiros anos de vida, ser só com modelos que lhes acrescentem confiança e afetividade.

E é este pensamento que devemos desenvolver e cultivar na criança. Deixar que sejam espontâneas, criativas, amorosas. Quando digo amorosas não digo dependentes, defendo que desde cedo devemos contribuir para que a criança se torne independente, mas enquanto necessário, que esta dependência se de num clima de muita confiança, amor e carinho. Devemos proporcionar-lhes elementos para que desenvolvam todo o seu potencial. O professor rígido e distante dificulta o trabalho com seu aluno e conseqüentemente o aprendizado dele.

Observai tão somente, contra a opinião comum, que o governante de uma criança deve ser jovem e até tão jovem quanto o pode ser um homem sensato. Gostaria que ele pudesse ser ele próprio criança, se possível, pudesse tornar-se o companheiro de seu aluno e angariar sua confiança partilhando seus divertimentos. Não há suficientes coisas comuns entre a infância e a idade madura para que se consiga uma afeição muito sólida com tal distância. As crianças por vezes adulam os velhos mas não os amam nunca (ROUSSEAU, 1995, p.28).

Não precisamos ser crianças para tornar-nos próximos delas, mas, sim aproximar-mos delas fazendo-nas confiar em nosso trabalho tendo sempre um objetivo bem delineado, para que dessa forma possam confiar em nós. "Tornai-vos respeitável a todo mundo, começai fazendo-vos amar, a fim e que todos vos procurem agradar. Não sereis senhor da criança se não fordes de tudo o que a cerca; e essa autoridade nunca será suficiente se não assentar na estima da virtude...É vosso tempo, são vossos cuidados, vossas afeições, é vós que deveis dar" (ROUSSEAU, 1995, p. 81).

Não podemos fazer nosso trabalho ao lidarmos com seres humanos, se não formos sinceros em nossos sentimentos. É preciso muita lealdade ao que se propõe, para alcançarmos os objetivos. Principalmente quando trabalhamos com crianças que são seres receptivos e mais sensíveis que os adultos. Segundo ROUSSEAU nós procuramos sempre encontrar o homem na criança, e nos esquecemos, que são crianças, e o que é ser criança antes de ser homem.

Pensamos como adultos, com uma gama de experiências, sejam elas positivas ou negativas, e nos esquecemos que a criança ainda não passou por estas experiências. Nos esquecemos de sua imaturidade diante das coisas. Portanto

queremos fazê-las pensar como nós. “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação” (ROUSSEAU, 1995, p.10).

Portanto esta educação deve considerar a falta de experiência da criança e a sua imaturidade, e educa-la de acordo com o seu desenvolvimento, de acordo com o ganho de suas experiências, no decorrer de suas relações vividas, e não como homens adultos em miniaturas.

O desenvolvimento da inteligência, depende de vários fatores. Entre eles, os vínculos sociais e emocionais iniciados na infância. Em geral., esse papel começa com os pais, como já citei. Eles são a ponte entre a criança e o mundo e depois os professores. É por meio desse vínculo que a criança melhora sua capacidade de pensar e expressar sua inteligência. Na concepção de Rousseau, este vínculo começa no nascimento e da qualidade que vai se estabelecer depende o tipo de ser humano que será formado.

3.3 O EDUCADOR OS LIMITES E A CRIANÇA

Quando fala-se em relação professora-aluno e como o professora deve ser acessível ao seu aluno, não podemos confundir esta relação com falta de limites. O limite deve existir, caso contrário inviabiliza o trabalho pedagógico. A professora, pais ou os educadores em geral devem perceber quando é necessário por um limite ou atender a criança, pois dependendo da atitude do educador torna-a submissa ou tirana (ROUSSEAU, 1995).

Embora eu defendo que a educação da criança deve se dar de forma espontânea, e mais natural possível, defendo também, que a criança tem que ter limites, muito bem claros e expostos por seus professores. Estes limites, quando diz-se expostos, quer dizer que a criança deve conhecê-los e conhecer também os porquês deles, ou seja porque deve se respeitá-los.

Mas devemos também ter o cuidado para não abafar sua espontaneidade e suas forças, com nossos limites sem limites. Devemos ser muito cuidadosos e não confundir autoridade com autoritarismo, pois este último faz-nos tiranos, dificultando assim a aprendizagem dos alunos. Segundo algumas turmas do ensino

fundamental que venho acompanhando nos últimos anos, isso acontece diariamente com professoras autoritárias. As crianças quando crescem mais livres e mais independentes, são mais saudáveis e menos delicadas, Rousseau já alertava isso no Sec. XVIII.

Ao passo que defendo uma boa relação professora-aluno, cercada de muita atenção e afetividade, concordando com o método natural de educação segundo Rousseau, que afirmava ser o mais eficaz na educação da criança e conseqüentemente na formação do homem, defendo também, que a criança tem que ter os limites de seus direitos muito bem expostos claramente por seus pais e professores. O próprio Rousseau mostrou a importância dos limites na formação de pessoas capazes da convivência democrática:

Os primeiros choros da criança são solicitações se não tomamos cuidado, logo se tornam ordens; começam pedindo assistência, acabam fazendo-se servir. Assim, de sua própria fraqueza, de que provem inicialmente o sentimento de sua dependência, nasce a seguir a idéia de império, de domínio; mas essa idéia sendo menos provocada por suas necessidades do que por nossos serviços, começam-se a perceber os efeitos morais cuja causa imediata não está na natureza; e vê-se desde já por que desde a primeira infância, importa descobrir a intenção secreta que dita o gesto ou o grito (ROUSSEAU, 1995, p.47).

Todos temos desde crianças, uma tendência natural a manipular os adultos. Porém não por vontade natural de domínio, mas por acreditarmos que assim será mais fácil alcançar o desejado. Para Rousseau, o ser humano é naturalmente tendente ao bem, apesar de tender a querer sempre o mais fácil.

Por tendência natural a criança quer que o adulto faça tudo o que deseja, pela necessidade de atender coisas de que ela necessita, mas que não tem forças para conseguir. Cabe ao adulto que tem entendimento destes preceitos, atende-las quando preciso, leva-las a buscar o desejado quando possível, e por limites quando se fizer necessário.

A professora que conhece todos os processos de desenvolvimento da criança, vai entender, atender quando for uma necessidade e se impor quando se fizer necessário. Rousseau concorda que a criança manipula, mas nos chama a atenção para a causa dessa manipulação. Ou seja ela procura satisfazer suas necessidades, cabendo aos educadores atende-las na medida que se fizer necessário.

Em consequência da tendência a manipulação que é natural na criança, se o educador fizer tudo o que ela quer, elas não terão limites tornam-se mandonas. Rousseau afirma ainda que, a tirania da criança não é natural, ela se torna tirana se não tiver limites por parte dos adultos. A professora deve sim como defendo, ter uma relação franca, aberta, dialógica e rica em afetividade com seus alunos, mas tem que ter bem claro a necessidade de por regras e estabelecer limites. Há que se educar para a autonomia e não para a permissividade, onde a criança pode tudo: “O espírito dessas regras está em conceder as crianças mais liberdade verdadeira e menos voluntariedade, em deixá-las com que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se desde cedo, a subordinar seus desejos a suas forças elas sentirão pouco a privação do que não estiver em seu poder” (ROUSSEAU, 1995, p. 50).

Devemos ter claro quanto as solicitações da criança, quando ela pede por necessidade ou por prazer. Quando o for por necessidade, podemos leva-la a alcançar o necessitado, quando for uma solicitação apenas para satisfazer seu ego devemos não realizar, ao menos nós, mas leva-la a buscar e alcançar o almejado para que assim se construa desde os primeiros anos a sua autonomia.

Há sim que se impor limites, mas também dar liberdade, uma liberdade regrada, restringir-lhes o que lhes é desnecessário, mas sem usar a força, que as tornará dócil unicamente por força de imposições, mas não por vontade da necessidade de o ser. Não podemos vigia-las a extremo segundo Rousseau, pois quando se soltam não sabem usar sua liberdade, se as tem como um princípio e com regras saberão usa-la sem causar prejuízos aos outros e a si mesma. O autoritarismo e a falta de liberdade em níveis adequados não produz crianças autônomas, mas medrosas:

Por outro lado, quem não vê que a fraqueza da primeira infância acorrenta a criança de tantas maneiras, que é bárbaro acrescentar a tal sujeição a de nossos caprichos, arrancando-lhe uma liberdade tão limitada de que tão pouco pode abusar e que é tão pouco útil a nós, como a ela, a privarmos? Se não há objeto de escárnio quanto uma criança altiva, não há objeto mais digno de piedade que uma criança medrosa. Desde que com a idade da razão começa a servidão ávil, porque a ela antepor a servidão privada? Consistamos em que um momento da vida seja isento desse jugo que a natureza não nos impôs e deixemos à infância o exercício da liberdade natural, que a afasta, ao menos por algum tempo, dos vícios que se contraem com a escravidão. Que esses pais escravizados a seus filhos venham portanto com suas objeções frívolas, e que antes de se vangloriarem de seus métodos, aprendam de uma vez os da natureza (ROUSSEAU, 1995, p. 73).

Não devemos subestimá-las com teorias desnecessárias, pois isso não está lhes desenvolvendo a autonomia, mas sim, educa-las pela experiência de situações vividas. Explicar-lhes as situações dando lhes exemplos claros que despertem e conservem sua vivacidade. “A única lição que convém a infância, e a mais importante em qualquer idade, é a de não fazer mal a ninguém”, (ROUSSEAU, 1995, p. 94). Finalmente conhece-los bem antes de dar lhes o tratamento devido, respeitando-lhes sempre, atendendo a individualidade de cada um. Enfim formar o homem liberto de mesquinhas, com grandeza de alma e autônomo.

CAPITULO IV - SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA AS QUESTÕES DA NÃO APRENDIZAGEM

O educador não pode se conformar com a não aprendizagem. Pois como conformar-se com alguém que não aprendeu apesar de se ter ensinado? Será que realmente foi ensinado? Quando dizemos ensino, pressupõe-se que alguém aprendeu, se não houve aprendizagem, não houve ensino, e sim uma tentativa. Esta é a hora de se repensar as questões metodológicas.

A escola ou a professora não pode se acomodar e se conformar com isso. O problema está em algum lugar. Cabe ao educador busca-lo. Se aluno e professora não estão envolvidos, não acontece o processo de ensino-aprendizagem. Só a professora "ensinar" não torna possível, pois só há o processo de ensino-aprendizagem quando há interação professora-aluno.

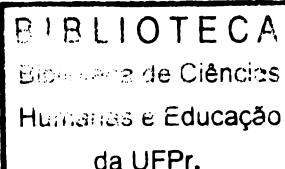
A professora só realiza seu trabalho, quando está com o aluno, e o ato de ensino-aprendizagem acontece. Não há aprendizagem sem a mediação professora-aluno. Por isso da boa relação da professora com o aluno depende o aprendizado. Temos que ter uma expectativa elevada diante de nossos alunos. As mensagens que recebemos, tem muito a ver com as respostas que damos.

As crianças com dificuldades de aprendizagem tem vários mitos que explicam suas dificuldades, mas nenhum se refere a relação positiva ou negativa da professora para com o aluno ou do aluno para com a professora, mas devemos problematizar isso. Pois, nós mesmos enquanto adultos quando encontramos um professor que não estabelece uma boa relação conosco, sentimos que isso dificulta o foco de nosso aprendizado. Mas, enquanto adultos, pesquisamos e buscamos respostas, pois, já temos um lado crítico desenvolvido, mas nossos alunos não tem. Portanto devemos estar sempre atentos para desenvolver uma boa relação com nossos alunos.

Os modelos que a professora cria com seus alunos de respeito, de afetividade, de carinho criam atitudes nestes. Será que ouvimos nossos alunos? Ou seja, quais são suas representações? O que eles fazem a respeito de suas dificuldades de aprendizagem?

Como já disse, mas cabe repetir, a educação da criança começa ao nascer, ao nascer ela já começa a ser "moldada" ou seja educada para a vida. E devemos

aprender com este ato de “amoldamento” desde o nascimento. Pois, aprendemos com ele que todos somos capazes de aprender. Mesmo as crianças com problemas sérios em seu desenvolvimento são capazes de aprender. Embora ao nascer a criança seja desprovida de conhecimentos e de vontade, com o passar do tempo vão “moldando-lhe” o caráter, mesmo as com necessidades especiais, em algum momento aprendem alguma coisa. Todos as crianças aprendem, umas menos, outras mais, aprende-se com as próprias experiências, ou com os semelhantes. Porém aprende-se sempre:



Conhece-se portanto, ou pode se conhecer, o ponto de partida de cada um de nós para chegar ao grau comum do entendimento; mas quem conhece a outra extremidade? Cada qual avança mais ou menos segundo seu gênio, seu gosto, suas necessidades, seus talentos, seu zelo e as oportunidades que tem. Não sei de nenhum filósofo ainda que tenha sido bastante ousado para dizer: eis o termo a que o homem pode chegar e não pode ultrapassar. Ignoramos o que nossa natureza nos permite ser; nenhum de nós mediu a distância que pode haver entre um homem e outro homem. Qual a alma baixa que essa idéia nunca perturbou e que não tenha dito não raro em seu orgulho: quantos não ultrapassei! Quantos ainda posso alcançar! Por que meu igual iria mais longe do que eu? (ROUSSEAU, 1995, p.42).

Ou seja conhece-se o ponto de partida de cada um, mas não o ponto de chegada, não o quanto cada um pode superar os seus próprios limites e adquirir com isso, conhecimento que não se anteciparia, a julgar pelas suas habilidades “apresentáveis”. Mas julgamos, antecipamos, quando condenamos a reprovação, ou estigmatizamos alunos que por alguma razão não nos respondem no mesmo tempo que os outros.

Cabe a professora, jamais ser a ferramenta que vai tolher este ser, capaz de alcançar limites incapazes de serem previstos por suas professoras. Mesmo os alunos com necessidades especiais, não podem ter o ponto de chegada no aprendizado, antecipado por seus professoras, pois estes mostram-nos com nossa prática de educadores, suas superações, surpreendem-nos a cada dia. Cabe a nós acreditarmos neles.

Quando falamos de educação, temos que atentar para o fato de que a lição propriamente dita, vem depois da experiência, primeiro experimentamos, para então assimilar a teoria das lições que recebemos nas escolas. E é esta experiência que deve ser sempre valorizada, que nos passa os PCNS quando diz para valorizarmos

sempre o conhecimento que a criança trás consigo. Hoje mais que nunca aprendemos e teorizamos, o que Rousseau já dizia em seu tempo no "Emílio ou da Educação", que não devemos desprezar o que a criança vai adquirindo em sua vida social. "Tudo é instrução para os seres animados e sensíveis" (ROUSSEAU, 1995, p. 42).

Quando tentamos fazer com que as crianças fiquem sentadas em fila, cobrando-lhes atenção por horas numa mesma posição, não nos atentamos para o fato de que: "Ela quer meter a mão em tudo, tudo manejar: não contrarieis essa inquietação; ela sugere um aprendizado muito necessário" (ROUSSEAU, 1995, p.44). É pelo tato, pelo contato com todas as coisas e pelo movimento de seu corpo, que as crianças vão aprendendo e adquirindo idéias do que pode ou não, vão tendo idéias de seus limites, e para que isso se efetive, devem ser livres para ter idéia das coisas que as rodeiam.

A professora que não está preparada para trabalhar com a individualidade de seus alunos, certamente terá alunos com dificuldades de aprendizagem. A falta de percepção e sensibilidade para detectar as diferenças individuais de nossos alunos, dificulta nosso trabalho com eles, conseqüentemente o seu aprendizado. Em uma sala de aula há uma diversidade de opiniões, diferentes crianças, com uma mesma professora, recebendo um mesmo método didático para todos, sem considerar suas individualidades.

É preciso considerar a todos em suas particularidades em suas diversidades e opiniões, caso contrário não ensinamos a todos ou seja nem todos aprenderão o que se tentou ensinar, se não houver o respeito pela individualidade. Nossa sala de aula é um campo riquíssimo, se percebermos isso, nosso trabalho terá êxito com certeza, e o aprendizado será significativo.

O trabalho da professora em introduzir um assunto, um projeto ou uma atividade deve se dar de maneira espontânea, despertando o interesse do aluno através da problematização, questionando-os para que dialoguem, debatam, queiram participar efetivamente do trabalho proposto. Enfim envolvendo-os na atividade que irá desenvolver.

Ao trabalhar desta forma a professora estará oportunizando ao aluno a autonomia, despertando-lhes a espontaneidade, onde poderão em grupos, duplas, ou mesmo no grande grupo que é a sala de aula, ajudar-se mutuamente, trocar e discutir entre si e com o professor

Este é o processo fundamental da construção do conhecimento. Quando a professora participa mostrando interesse pelo cotidiano do aluno, sua linguagem, seu espaço e as relações sociais de que participam, ela poderá assim retirar informações suficientes para reelaborar sua proposta de trabalho, que será elemento básico de partida para estabelecer uma relação de significados entre aluno-professora e aluno-escola.

O aluno jamais deve sentir se intimidado diante da professora, a relação professora-aluno, não deve se dar de forma com que o aluno não tenha acesso a professora. Esta relação deve se dar de forma com que aconteça uma troca entre a professora e seu aluno, ou seja, uma precisa ensinar e o outro precisa aprender e se desenvolver, portanto um depende do outro.

Ambos estão buscando algo em comum. A professora quer que seu aluno aprenda e cresça, e o aluno que precisa crescer. Quando falo de uma relação professora-aluno que se dá sem hierarquias, não defendo a não diretividade ou a falta de estabelecimentos de regras. A professora deve ser respeitada e muito, não só pelo fato de ser professora, mas também porque o aluno precisa de alguém que lhe aponte direções.

Assim, uma boa relação professora-aluno implica no crescimento do aluno enquanto ser que fala, ouve, pensa naquilo que fala e reflete sobre o que ouve, e a professora que também reflete sobre seu aluno. Só conhecendo bem nossos alunos, teremos condições de explorar da melhor maneira possível todas as atividades que acontecerão em sala de aula. O ato de aprender é construído, e isso se faz no percurso que ambos percorrem, professora e aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo conclui-se que os professores, enquanto educadores não estão preparados para trabalhar com as individualidades dos nossos alunos. Vamos para a escola acreditando encontrar alunos “prontos”, alunos ideais, e o que temos são alunos reais. Portanto, este trabalho aponta a necessidade dos professores se prepararem para trabalhar com a individualidade de cada um.

É preciso que os educadores estejam atentos para que no momento de aplicar os conhecimentos teóricos, possam trabalhar com as diferenças de indivíduos em uma mesma sala de aula. Todas as questões levantadas são respondidas na teoria, mas ressalta-se que no ensino-aprendizagem é importantíssimo que o professor deixe aflorar a sua sensibilidade na relação com o aluno demonstrando interesse no desenvolvimento de cada um em particular. enquanto educador deve pensar e repensam em todos os momentos a sua prática diária.

Portanto, trabalhar com Rousseau, foi uma experiência rica e interessante, pois a concepção de ser humano que este autor tem, nos ajuda a compreender o tipo de ser humano que queremos formar. Concepção esta tão presente e atual em nossos dias. Seres humanos autônomos e preparados para atuarem numa sociedade que exige cada vez mais, seres atuantes, capazes de se desenvolverem permanentemente como dizia Rousseau.

Só assim estaremos formando o indivíduo capaz de exercer e se desenvolver em todos os setores da vida em sociedade. Caso contrário, estaremos dificultando nosso relacionamento com nossos alunos e contribuindo para que não aconteça uma real aprendizagem, dificultando suas possibilidades de crescimento e independência, fazendo crescer as dificuldades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais e Ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.